

MURILLO DE ARAGÃO

Cientista político e presidente da Arko
Advice Pesquisas

O cenário econômico e político deste ano

Tudo indica que o Brasil vai crescer pelo menos 3% em 2013. Não é um bom resultado, mas, em termos políticos, é mais do que suficiente. Em especial se apontar para um crescimento maior em 2014, ano das eleições. Politicamente, quais as implicações desse cenário? De início, vale frisar que as expectativas da imensa maioria do eleitorado estão sendo plenamente atendidas, pois o Brasil mantém o consumo e o emprego. E, no limite, quem decide a eleição é justamente quem se considera atendido ou não. São eles, os eleitores, que, insatisfeitos ou não, vão decidir se renovam o mandato de Dilma Rousseff ou se optam por uma mudança.

Os índices combinados de confiança no consumo, satisfação com a vida, aprovação do governo e popularidade da presidente são eloquentes e apontam que o governo caminha para uma eleição com franco favoritismo. No entanto, existem preocupações importantes que podem afetar tal cenário. O governo não é bem avaliado em saúde pública, nem em educação, temas que, bem explorados, podem vulnerar a campanha de reeleição.

Outro fator relevante é o emprego. Se a economia continuar a rater e o emprego virar tendência de desemprego, acende-se o sinal amarelo. Por fim, há a questão da inflação. Ainda que o brasileiro seja tolerante com uma inflação entre, digamos, 8% e 9% ao ano, acima desse patamar ela pode afetar as pretensões eleitorais. Para minimizar os riscos, o Planalto já está adotando medidas, seja aumentando o número de setores desonerados de tributos e a oferta de crédito para investimentos, seja aumentando a taxa de retorno nas concessões públicas em obras de infraestrutura. Trata-se de medidas certas, mas outras deveriam vir. O governo poderia provocar, por exemplo, uma nova rodada de negociações tributárias visando ao pagamento de dívidas fiscais. Existem segmentos, e não são poucos, que estão bastante endividados e devem merecer uma espécie de anistia.

O futuro político do Brasil a Deus pertence, mas a possibilidade de Dilma renovar o seu governo por mais quatro anos é o cenário mais provável. Salvo a ocorrência de algum fato inesperado, o que, cá entre nós, sempre acontece. Porém, o inesperado nem sempre é suficiente para alterar significativamente certas tendências. O escândalo Erenice Guerra em 2010, por exemplo, não derrotou Dilma. Eduardo Campos (PSB) pode ser a surpresa, mas concorre para criar um nome nacional, fortalecer seu partido e ser uma opção ao lulismo em 2018. Eduardo sabe que, para ser presidente, terá que disputar e, até mesmo, ser derrotado um par de vezes antes de conseguir.

O PSDB ainda bate cabeça e demora a implantar uma estratégia coerente que fortaleça o seu posicionamento. Gasta mais tempo curando feridas internas do que atacando consistentemente o governo. Para piorar, David Axelrod, o guru de Obama, disse que não vem para a campanha de Aécio Neves. A razão? Os 75% de aprovação de Dilma. Assim, com um cenário político previsível, o que pode ajudar ou atrapalhar é a economia. Daí o empenho do governo em acordar a sonolenta economia brasileira. ■

O PSDB ainda bate cabeça e demora a implantar uma estratégia coerente que fortaleça o seu posicionamento. Gasta mais tempo curando feridas internas do que atacando consistentemente o governo. Para piorar, David Axelrod, o guru de Obama, disse que não vem para a campanha de Aécio Neves. A razão? Os 75% de aprovação de Dilma. Assim, com um cenário político previsível, o que pode ajudar ou atrapalhar é a economia. Daí o empenho do governo em acordar a sonolenta economia brasileira. ■